



Quizenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

30 de Março de 1996 • Ano LIII — N.º 1358
Preço 30\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tal. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Páscoa

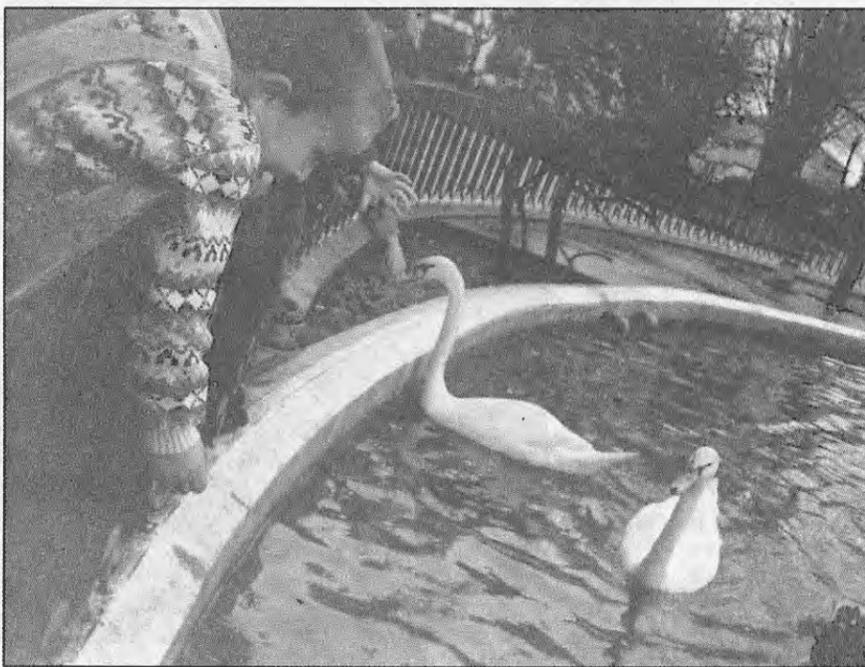
A passagem de Jesus culmina na Ressurreição, mas toda ela é a realização de um programa: «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância».

Enquanto acontecimento histórico tem princípio e fim. Mas por ser passagem de Quem é, imprimiu carácter, isto é: o seu rasto permanece indelével na Humanidade e constitui fonte da Luz e da Graça que proporcionam a todas as gerações saciar a sede do conhecimento do mistério da vida e percorrer o caminho da vida sem fim. Ele «é a Ressurreição e a Vida», o Princípio necessário para que os homens tenham a «vida em abundância» para que veio: «Quem acredita em Mim, embora venha a morrer, viverá; e todo aquele que vive e acredita em Mim nunca mais morrerá».

Acreditar n'Ele é a condição desta «vida em abundância» que se projecta no Infinito e corresponde ao anseio profundo do homem. Pois não é ele imagem de um Deus que é «Deus de vivos, não de mortos»?! Que admira a sua repugnância pela morte se também Deus a não fez e a não quer?! Deus não a fez, mas *sofre-a*. Fê-la o homem e a tem por seu castigo. E ainda assim Deus, imutável em «não querer a morte do pecador, mas sim que se converta e viva», tomou a iniciativa de remediá-la e mandou Seu Filho, feito homem para «ter por onde sofrer», passar pela morte para retomar a vida que Lhe pertence, a Vida que Ele é, e oferecê-la aos homens «em abundância» tal que a vida afogue a morte e, também para eles, esta se torne passagem e aquela o fim sem fim.

A Páscoa é o mistério supremo do amor de Deus pelos homens. O «Filho do homem» protagoniza-o como causa exemplar e eficiente, para que o homem o assuma como

Continua na página 3



Os gansos, espelho de mansidão, acariciados pelo Pinheirinho.

ENCONTROS EM LISBOA

Festas

EM nossa Casa, vive-se já grande azáfama de preparação das Festas. Ensaios, repetir uma e outra vez, decorar papéis, passes de dança, afinação de gargantas. O nervoso miudinho aparece: faltam números, ainda há isto e mais isto, como é que devemos ir vestidos... O tempo urge.

Tudo isto se passa durante a Quaresma. Aos nossos ouvidos chega a voz do Evangelho — dita e redita pelo Santo Padre: «Dai-lhes vós mesmos de comer». Pode parecer que andamos alheados desta ordem de Jesus quando nos metemos nestes trabalhos. No entanto, as nossas Festas são mesmo um tempo forte de preparação para o dia do Ressuscitado. Os nossos miúdos não vão ao palco apenas mostrar as suas «habilidades». Toda a preparação das Festas é um tempo propício de catequese muito especial, talvez sem os métodos habituais, mas que a mensagem está presente, lá isso está. Repetida vezes sem conta, olhada mesmo pelos que não entram no elenco, a mensagem vai penetrando lentamente como a chuva miudinha e é vê-los a falar da falta de habitação, do desemprego, da prostituição, dos sem-abrigo, da amizade, da fome, da presença africana. Foi bom termos tido connosco o Padre José Maria a falar-nos de Moçambique com todas aquelas carências. O seu testemunho deu ainda mais coragem. É a dura vida da paixão dos homens transformada em esperança de ressurreição.

Vale a pena toda esta trabalhadeira pelo bem que faz aos nossos rapazes. No meio dos seus problemas são capazes de olhar um pouco mais longe, ter os olhos bem abertos sobre o nosso mundo, o seu coração abre-se igualmente ao futuro com esperança de uma enorme confiança nos homens. Eles sabem que a solidariedade ainda não morreu e que a ressurreição é o fim que nos espera.

As Festas já estão marcadas. Esperamos ver muita gente. Às terras onde nos vamos deslocar pedimos que os Amigos se interessem o mais possível e levem o maior número de pessoas. Insistam com os que não se mostram muito interessados. Podem crer que lhes fará bem.

Aqui vão já algumas datas, para que nesse dia não se assumam outros compromissos:

21 de Abril, domingo, às 15,30h, no Salão Paroquial de FORTE DA CASA;

28 de Abril, domingo, às 15,30h, no Auditório da Igreja de Cristo Rei da PORTELA;

Continua na página 3

Tribuna de Coimbra

Não há Páscoa sem Sexta-feira Santa

A chegada do Ruben é um presente pascal. Sempre que o homem se ergue e alguém estende a mão, a jeito de cireneu, a Páscoa acontece. Muitas mãos a ele se estenderam. Agora, as nossas e as dos que conosco comungam vida.

Chegou também o Vítor Hugo, irmão do Rui. Outros lhe deram lugar.

Em feliz altura, Tó-Zé tomou conta do primeiro emprego. O hipermercado Continente abriu as portas e a confiança ao nosso pedido. Estamos gratos por esse gesto. Também assim se ajuda a dar a mão a estes filhos que precisam dela num momento tão importante da sua vida: o primeiro emprego. Também aqui o sabor da Páscoa, antecipado. Se todos dêssemos a mão, cada um como pudesse e do lugar onde se encontra, o mundo seria melhor. Precisamos de mais portas abertas aos nossos rapazes — com confiança.

Mas não há Páscoa sem Sexta-feira Santa. É que a família do Paulo Jorge, o «Ciganito» entre nós, veio uma vez mais arrancá-lo do nosso meio. Nem escola nem segurança — quando temos por certo que o caminho que levou é inseguro — nada pesou na decisão de o levar. Já uma vez andou por lá dez meses sem rumo certo. E os anos somam — são treze feitos... E a escola da rua, aliciante e atraente a quem a ela anda afeito, marca nota.

Não se prendeu a nós. A força do sangue ou da miséria, venceu! Quantas vezes amargamente o constatamos. E temos de amar uns e outros.

São dores e alegrias de íntima comunhão pascal com estes filhos e irmãos nossos, nos quais quotidianamente se renova o Mistério do Homem das Dores.

Padre João

Calvário

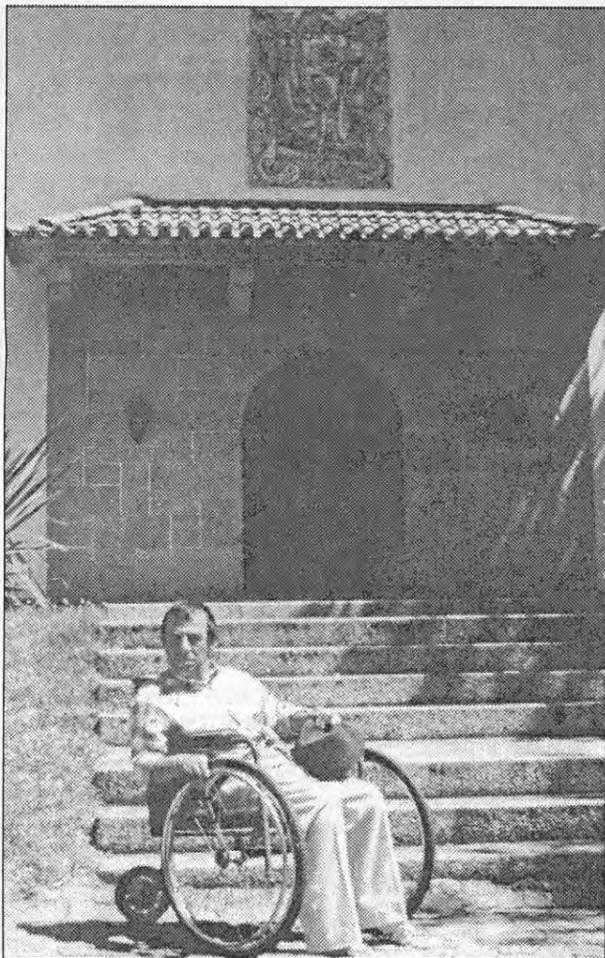
FOI pensamento sublime aquele que Deus ditou a Pai Américo. Almas imortais em corpos enfermos, votados ao desamparo, reclamam poiso condigno para as horas derradeiras da passagem terrena. Inválidos sem família, doentes sem cura, monstros sem abrigo na sociedade que os segrega — foram e são motivo premente da existência do Calvário.

Este nasce. Cresce. A multidão dos crentes na ressurreição da carne enferma, quer que o Calvário seja. E ele é.

Umás vezes tem sido local de ressurreição para tantos que, no abandono a que estavam entregues, nunca passariam de pesos mortos.

Mas, sobretudo, o Calvário é leito de Esperança para quem aguarda a partida, seja inválido que entorpecer ou canceroso que se vê corroído por mal implacável. Na resignação destes temos presenciado horas altas de Esperança, quando a humana findou. A Esperança é mesmo a virtude cristã que está na base desta Obra que recolhe somente incuráveis.

Padre Baptista



Conferência de Paço de Sousa

CRUZ DOS POBRES — Apesar da ajuda material que regularmente proporcionamos à família do seropositivo — enquanto não chega o subsídio do Estado — o pai dele, aflito, não se coíbiu de perorar um nadita mais para melhor suprir os crescentes encargos.

Envergonhado como é, mais envergonhado fica nestas alturas. Acudimos, recomendando a conveniência de acompanhar sempre o filho ao Porto em dias de consulta.

Curiosamente o vicentino que os apoia e visita regularmente, recebeu uma carta do pai do doente, que o sensibilizou, tão fora do comum em acções desta ordem! Do papel ao sobrescrito, ao próprio contexto — não tivesse sido ele encadernador — é um documento d'alma de que, por criação, guardamos a maior parte. Aqui está: «(...) Não tenho dom de palavra para exprimir quanto sinto no meu íntimo agradecendo a ajuda destinada ao meu filho. Nós não poderíamos enfrentar sozinho tão grande despesa! No tratamento e nas viagens ao Porto vai metade da minha reforma, pois só recebo 45.000\$00 por mês. Se não fosse a Conferência, que actua por graça divina, teríamos de andar de porta em porta...»

Obviamente, para além de tudo o mais, ele é um homem de Fé!

PARTILHA — Setúbal: «Pequena migalha (3.000\$00) para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, com todo o carinho da 'Avó dos cinco netinhos' que a todos deseja as maiores felicidades.» Retribuímos com amizade.

De modo especial, nesta época, eis a assinante 113, do Porto: «Em tempo de partilha não podemos esquecer os mais necessitados. Obrigada por me ajudardes a aliviar um pouco os males de tantos irmãos que sofrem». Endossamos as suas palavras à Providência divina.

O assinante 11676, do Porto, agora já idoso, todos os anos por aqui passa com a estima de sempre e um sorriso nos lábios que reflecte quanto lhe vai na alma. Deixa um cheque de cinquenta mil — «para os vossos Pobres», disse.

RETALHOS DE VIDA

Luís Arnaldo

Sou o Luís Arnaldo Pulungo Alferes. Nasci em Luanda, a 23 de Agosto de 1981. Tenho catorze anos. Frequento o 7.º ano do ensino básico.

Fui acolhido na Casa do Gaiato de Malanje porque sou órfão de pai e a minha mãe não tinha possibilidades de me criar.

Estou muito contente por estar na Casa do Gaiato

Pelas CASAS DO GAIATO

Óbolo do assinante 42971, de Ovar, indicando o destino e sublinhando: «Não precisam de agradecer». Cumprimos.

A assinante 31104, de Lisboa, envia o cheque habitual «para ser distribuído pelos Pobres» — com uma ressonância: «'Doutrina', página 3 d'O GAIATO, de 17/11. Com que atenção eu li o que Padre Américo escreveu! Para mim, ele continua a ser o autor do melhor catecismo que conheço!» Um Servo de Deus!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PRIMAVERA — Já chegou. Os rapazes estão muito contentes. Os campos e as árvores começam a ficar floridos.

Esperamos também, com ansiedade, o início do Verão para tomarmos banho na piscina.

PADRE ZÉ MARIA — Está entre nós, descansando alguns dias para se recompor fisicamente do árduo trabalho na Casa do Gaiato de Maputo. Está muito contente e os rapazes também.

PADRE JÚLIO — Substitui o nosso Padre Baptista no Calvário, enquanto ele estiver em Moçambique.

Aos domingos vem até cá buscar alguns rapazes para jogarem futebol com os de Beire. Em dois jogos houve uma derrota e uma vitória.

FOGO — Os nossos «Bata-tinhas» (Nandinho e Samuel)



Esta viçosa machamba é uma riqueza dos povos de Massaca e da nossa Comunidade moçambicana.

atearam fogo no telheiro, por detrás dos balneários, que nos assustou muito e tivemos que chamar os Bombeiros de Paço de Sousa para extinguir o incêndio.

OFERTAS — Temo-las recebido em abundância. Agradecemos muito às pessoas que nos dão tantas coisas!

ESCOLA — O segundo período acabou. Vamos começar o terceiro.

As notas foram razoáveis. É de crer que o terceiro corra ainda melhor que o segundo.

PÁSCOA — Está a chegar e nós todos desejosos que assim seja para celebrarmos mais uma festa, sempre tão rica de significado humano e espiritual.

O GAIATO — Recebemos uma nova máquina para se amarrar os maços de jornais que seguem para o correio. Uma forma rápida de despacharmos a expedição d'O GAIATO.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

DESPORTO — No dia 10 de Março recebemos um grupo de jovens de Santa Maria da Feira. Além do mais realizámos um jogo de futebol no qual participaram também algumas raparigas.

O encontro foi muito bem disputado por ambas as equipas. Vencemos por 6-2.

Agradecemos aos participantes do convívio.

Continuamos à espera doutros contactos para marcação de jogos, que poderão dirigir-los ao Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa.

Luís Arnaldo

«Amarante»

BENGUELA

TRABALHO — Chamo-me Avelino. Vim para a Casa do Gaiato para ser um homem. Nunca escrevi para O GAIATO. É uma novidade para mim.

O trabalho em que participo, no dia-a-dia, é o famoso «sacho». A melhor forma de ocuparmos o tempo. No entanto, por ter um pouco mais de juízo, fui eleito para assumir a responsabilidade do grupo formado pelos mais velhos. Nos primeiros dias foi difícil. Muitos não aceitavam o serviço, nem a minha orientação. Mas, com o tempo, viram a necessidade de alguém orientar e como o trabalho é importante para a nossa formação.

O grupo foi dividido em dois. Fiquei com o mais pequeno. Agora, aproveitamos melhor. Arranca-se capim, corta-se e planta-se. Ele vai crescendo e ficamos contentes, pois é fruto das nossas mãos.

Alguns exclamam: «O trabalho que fizemos deu resultado, não foi só para nos cansarmos...!»

Vamos tentar continuar assim.

Avelino

FUTEBOL — Muitos jogos, mas poucos golos. Há dias, os mais crescidos jogaram com os médios.

Neste ambiente o futebol é bem apreciado, desde os mais pequenos que se levantam de madrugada, ao romper da aurora, com muito gosto, correndo e saltando pelo campo fora.

A equipa da minha casa são os «verdinhos». Os tais

médios que conseguiram empatar 1-1 com os maiores... Mostrámos categoria!

Nos próximos jogos esperamos melhores sucessos e prémios...

Precisamos de material desportivo! Apelamos às pessoas de boa vontade para nos ajudarem. Em nome dos futebolistas, muito obrigado.

Acácio Tchimuco

Semente!

*A Mãe-Natureza violentada
E a vida desvirtuada
Pedem justiça
Contra as máquinas mortíferas.*

*Nas cidades encurraladas
O homem é enlatado
E submetete-se a corridas
[desenfreadas].*

*Nenhum tempo
Para o descanso necessário
E ganhar alento.*

*Ficam marcas
E pesadas baixas
Na construção do amanhã.
Vida perdida
Jamais é devolvida.
Mas o homem inteligente
Conhece uma semente
Que se chama: Esperança!*

Manuel Amândio

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Damos mais um testemunho do nosso trabalho com os Pobres:

As carências continuam a ser muitas. A velhinha, cada vez mais fraca, respira com dificuldade. Agora tem uma vizinha a olhar por ela. Já tentámos colocá-la num Lar, mas não quer deixar o seu quartinho.

Visitámos uma família de três pessoas que vive num quarto. Passam mal porque realmente não têm hipótese de alugar uma casa pois recebem uma pequena reforma que mal chega para alimentação e medicamentos.

Temos outro casal com dois filhos que habitam uma casa em ruínas e continuam a aguardar que a Câmara do Porto lhes entregue uma, capaz, mas infelizmente até hoje isso não aconteceu.

Há dias fomos visitar outra família que vive num bairro camarário. Estão felizes. Agora têm uma morada espa-

çosa e com todos os requisitos para viverem com dignidade. Dentro das suas possibilidades, vão recheando a casa. Que Deus os proteja.

Por fim, visitámos outro Pobre que tem dois filhos, um com catorze e outra com doze anos. A menina é uma criança muito fraca e necessita de se alimentar bem. Estamos a tentar uma ajuda para que frequente o ATL da zona, possa lá almoçar e passar as horas sem aulas, acompanhada.

Vamos citar uma mensagem que Pai Américo escreveu no 1.º volume do *Pão dos Pobres*:

«A melhor maneira de resolver os grandes males alheios, é cada um fazer todo o bem que puder dentro da sua pequenina esfera de acção. Nem há arma mais eficaz para combater o Mal, do que a prática do Bem.

Esta coluna de amor conta, por conseguinte, com a simpatia de quem nos lê e espera uma migalha mensal, coisa que não faça falta a ninguém e que remedeie uma situação insólvel, se a deixarmos nas mãos de quem nada pode fazer.»

O QUE RECEBEMOS — Assinante 9217, 5.000\$00. Anónimo, 5.000\$00. Assinante 54986, 1.000\$00. Amigá I. R. D., 2.000\$00. Encomenda do nosso amigo Nunes. Assinante 17486, cheque de 12.000\$00. Assinante 113, uma carta que agradecemos. M. Costa, 5.000\$00. J. R. D., 2.000\$00. «Por alma do marido e dois filhos», 5.000\$00 de Maria Augusta. Um cheque de 23.500\$00, dum «Grupo de Amigas», de Cascais, por intermédio da assinante 23268.

Casal vicentino

Páscoa

Continuação da página 1

mistério seu, o que dará sentido à sua existência. Sem Páscoa — para que nasceu o homem?, para que vive? Ele seria o mais desgraçado dos seres.

Paenitemini et credite Evangelio — é palavra de ordem do tempo que prepara a Páscoa de cada um de nós. Arrependei-vos, mudai de vida, abri-vos à vida de justiça e amor (Deus é Amor) que Jesus nos propõe e quer que «tenhamos em abundância». Por esta pujança, com este vigor, se passa da vida temporal à Vida eterna pelo traço de união que a morte deve ser: Saber viver, para saber morrer — para que seja consumado o projecto divino da felicidade do homem.

Assim «daremos crédito ao Evangelho».

Padre Carlos

FESTAS

Continuação da página 1

4 de Maio, sábado, às 15,30h, no Cine-Teatro de LOURES;

12 de Maio, domingo, às 15,30h, no Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em LISBOA.

Depois será Torres Vedras, Rio de Mouro, Odivelas — e ainda faltam duas confirmações.

Padre Manuel Cristóvão

MIRANDA DO CORVO

JARDINS — Plantaram-se arbustos e novas plantas pelo trabalho deste grupo: «Peixito» (Cláudio), «Hipopótamo» (Hugo) e «Mariazinha» (Ivo). Agora, sob a orientação do Neca, o nosso jardim, ao lado do campo de futebol, está a ficar espectacular. Sairá dali um excelente trabalho. O Neca já lá «escreveu» O GAIATO.

FUTEBOL — A equipa tem treinado. Tem jogado bem. Esperemos que, nos jogos, se porte assim também.

CARAS NOVAS — O «Piriquito» recebeu um irmão, no dia 8 de Março. Tem dez anos, veio de Aguiar de Sousa, e chama-se Vítor Hugo.

Recebemos mais outro, dia 14. Tem oito anos. É de Alto Montijo e chama-se Ruben.

Ainda não lhes pusemos alcunhas. Espero que gostem de estar connosco.

ANIMAIS — Temos bastantes: três ratos da Índia que só mordem se a gente os aper-



Os gaiatos na Praia Morena, de Benguela.

BENGUELA

Povo familiarizado com a doença e a morte

O paludismo mata muita gente, em África. Quem por cá passou sabe da gravidade desta doença. A zona onde vive a Casa do Gaiato, é das mais atingidas. Zona litoral, com muitos pântanos, lixeiras, águas estagnadas, muito quente e húmida. É o *habitat* ideal para o mosquito que serve de veículo para esta doença.

As crianças são as vítimas maiores. Não resistem, dada a sua fragilidade. A maior parte delas está subalimentada. Quando assistidas, a tempo e horas, vencem. As mães, porém, perante a doença dos filhos, em muitíssimos casos não sabem o que fazer. Se vivem longe do hospital ou do posto de saúde, não há quem lhes valha. Se perto, acorrem ao Centro e lutam com a falta de remédios ou do dinheiro para os comprar. Esta gente anda familiarizada com a doença e com a morte. É visita que não falta.

No campo da Saúde a Igreja tem um lugar preponderante. Sem a sua presença, neste sector, a calamidade seria tão desastrosa que dificilmente se veriam os seus limites. Bendita a obra que a Igreja está a fazer!

Dentro da nossa Casa do Gaiato funciona um Posto de Saúde, ao cuidado das Irmãs do SS.mo Salvador,

tar ou lhes fizer mal. Piriquitos, canários e biclaques. Pombas brancas e castanhas claras. O corvo está cada vez maior. E dois cães: a *Simba* cada vez maior, mais brincalhona, agora só não brinca com os mais pequenos, só com o *Boby*.

LAR DE COIMBRA — Quase todos os dias um senhor vem aqui à nossa porta pôr um ou dois sacos de pão (não toca à campainha, não chama, deixa e vai embora sem dizer nada).

Nós gostaríamos de saber quem é; mas, mesmo assim, e até pelo gesto tão discreto, agradecemos a oferta que nos dá. Obrigado.

O segundo período escolar está quase no fim. Só falta uma semana e poucos dias para terminar. Espero que todos tenham boas notas.

João «Pequeno»

aonde acorrem milhares de pessoas ao longo do mês. A sua acção estende-se por áreas distantes. A atenção e o carinho com que os doentes são atendidos, testemunham bem o amor da Igreja por este povo.

O Posto nasceu pequenino, «como todas as obras destinadas a ser grandes». Primeiro o consultório privado da Casa do Gaiato. Cedo se tornou insuficiente para atender os doentes que o procuravam e o lugar não era o mais aconselhável. As suas portas estavam abertas a todos, de dentro e de fora. Onde está uma Religiosa enfermeira, aí acorrem as multidões. Foi assim no princípio. O povo sabe distinguir quem o ama, de verdade. Por isso, foi necessário criar instalações próprias, onde tem funcionado até agora. Mesmo durante a ocupação da Casa do Gaiato pelo Estado, o Posto sanitário nunca deixou de actuar ao cuidado das Irmãs. O povo assim o queria. A Igreja, quando revela o seu rosto de Mãe, entra no coração e de lá ninguém consegue tirá-la. «Podem confisear e destruir as estruturas, os edifícios» — dizia um cristão — «mas ninguém consegue nacionalizar o coração». A presença da Igreja, no campo da Saúde, foi e é muito importante.

Estou a falar deste assunto porque, ao longo do ano, este é o tempo em que abundam os doentes com paludismo, cá em Casa. Alguns deles

têm causado grande aflição à Teresa que lhes dedica muito do seu coração de mãe. Houve, até, que recorrer ao hospital, de urgência, e acompanhá-los lá com bastante cuidado. Muitos que não eram nossos morriam... Que fazer? Não podemos valer a todos. Os males que, em certos momentos, afligem mais este povo ultrapassam-nos e vencem-nos. Mas queremos abraçar com ele o caminho da Cruz para a Páscoa da Ressurreição.

Páscoa feliz para todos!

Padre Manuel António

PENSAMENTO

A Esperança não exclui, antes supõe muita canseira de quem vai à frente de obras sociais. Temos obrigação de agir como que tudo dependa de nós e só depois é que podemos racionalmente fazer um acto de fé, sem contudo adormecer.

PAI AMÉRICO



Um grupo de malanjinos

Cartas

Não temos tempo para escrever!

Neste tempos de pressas que todos vivemos, a escrita vai perdendo terreno. Já não temos tempo para escrever. Deixamo-nos envolver pelo ambiente e vamos esquecendo... adiando os propósitos... perdendo-nos na confusão. E, com razão ou sem ela (porque se quisermos arranjamos sempre tempo) desculpamo-nos desta omissão.

(...) Gosto muito de ler O GAIATO, embora uma reflexão ou outra nem sempre me pareça objectiva, sobretudo na apreciação da Escola como instituição, em comparação com o antigamente. Mas o pequeno-grande O GAIATO é sempre um manancial de testemunho evangélico que nos incomoda e nos conforta ao mesmo tempo. O enriquecimento é tão grande, sempre, mesmo quando narra pequenos episódios do dia-a-dia, acontecimentos muito simples, reflexões sem pretensões.

Muitas vezes me sirvo dos vossos escritos, das mensagens que transmitem, para o tempo de reflexão em reuniões da Conferência Vicentina de que faço parte há mais de 30 anos e de que, hoje, sou uma «espécie» de animador espiritual.

Os Pobres são pessoas vivas. De facto, exigem muito de nós, nem sempre abertos para um acolhimento a sério, quase nunca disponíveis interiormente para uma comunhão autêntica. Por isso, o testemunho e a mensagem que transmitis nos ajudam a ver e a compreender a Pobreza, em contraste com a visão do funcionário e de «solução monetária», burocrática, conceptual, de apoio a conceitos e partidarismos ideológicos e políticos que tudo parecem resolver.

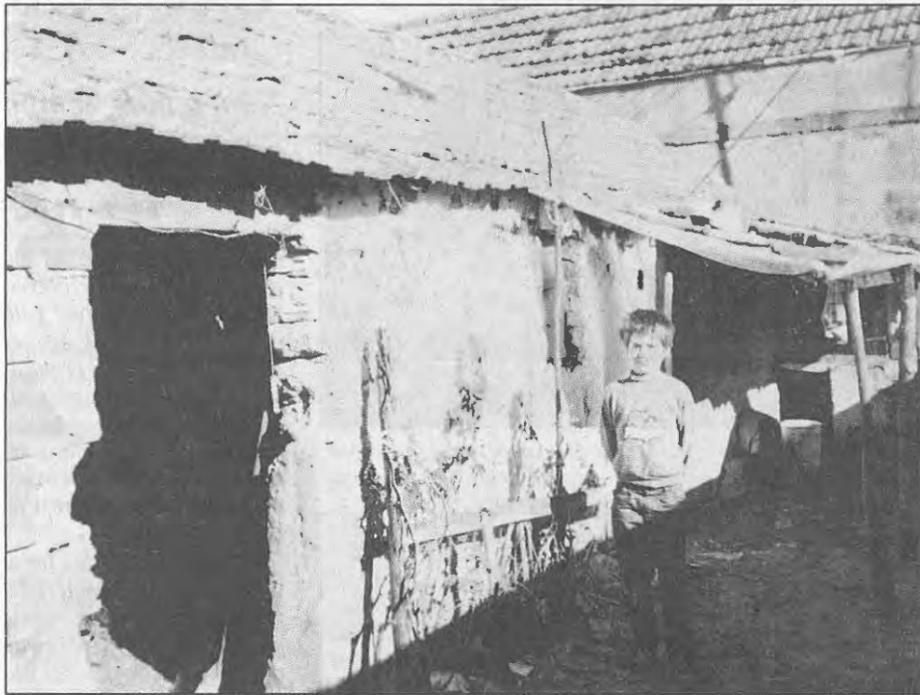
Assinante 32295

Presença d'O GAIATO

Envio importâncias entregues pelos assinantes d'O GAIATO, às quais junto mais uns «tostões» do meu reduzido orçamento militar. Com 60 anos e uma grande família para cuidar (8 pessoas) o mais difícil nem é juntar estas pequenas migalhas, mas sentar-me a escrever umas linhas que mais não valora com a intenção de as valorizar (às migalhas), dizendo uma vez mais quão valiosa e consoladora é a presença do querido O GAIATO, que sempre leio como a um livro de meditação.

Assinante 31624

Património dos Pobres



Pelo País fora há tantas famílias, com muitos filhos, a viverem em condições miseráveis!

Aflicções encaradas de frente

O correio trouxe esta carta-exposição que é uma mensagem cristã e social e não desistimos de a dar à estampa para todos ficarem inquietos. Ei-la:

«Estamos conscientes de que são muitos os factores que levam os jovens à marginalidade, à revolta, à prostituição, à delinquência... Mas entre esses factores encontra-se em lugar

preponderante a situação económica, social e cultural de muitas famílias.

Quando os Pobres e desprotegidos tomam conhecimento das diferenças sociais existentes, nasce-lhes a revolta interior que, se não chegam a manifestá-la de modo organizado e violento, não deixa de lhes causar traumas e fazê-los vítimas da sociedade.

Prevenir estas situações é sempre mais eficaz e gratificante do que remediá-las, quando chega a ser possível.

O Grupo Cáritas desta terra pretende servir as pessoas e promovê-las. Para

tanto, tem em curso um processo de ajuda à restauração e construção de habitações para se conseguir dar um mínimo de condições sociais e humanas às famílias, em ordem a um crescimento equilibrado.

Vem isto a propósito de alguns casos existentes nesta freguesia, que o Grupo Cáritas está empenhado em ajudar para que não aconteça aumentar o número daqueles que são mais vítimas da sociedade do que criminosos. Nós pretendemos que os próprios carenciados e outras pessoas trabalhem voluntariamente. A melhor escola de formação

está na acção, no participar na sua formação ou na dos outros.

Com a ajuda de todos e com o trabalho do Grupo fazemos tudo para minorar o sofrimento das famílias. Uma senhora viúva, com dois filhos, vive num edifício-armazém só com um quarto e anexo onde fazem cozinha, cedido por muito favor. O Grupo fez um apelo público e apareceu alguém, tocado pelo amor de Deus, que ofereceu um terreno para a construção duma casa.

Uma família em que o marido é doente, agora com os pés partidos em acidente, com a mulher e dois filhos, sendo um deficiente. Vivem numa choupana. Estamos a trabalhar, construindo dois quartos e um quarto de banho.

Não são os únicos casos. O Grupo já promoveu o arranjo de várias casas, construindo paredes, quartos de banho e outros arranjos.

Tudo isto foi possível graças à ajuda de fábricas que deram materiais, pessoas que deram trabalho, algum contributo da Junta de Freguesia, da Câmara Municipal e do Governo Civil.»

A carta-exposição diz mais, mas esta parte basta para nossa meditação e nosso compromisso cristão. Fomos àquela terra alegrar-nos. Foi uma tarde inteira. Uma paróquia extensa. O pároco, bom conhecedor dos problemas, acompanhou-nos

a todo o lado e também uma senhora apaixonada pelo bem de todos.

E sabermos nós que por estas terras fora, num País que se diz cristão, há imensas choupanas, há barracas sem conta a servir de habitação! Há tantas famílias com muitos filhos a viverem em condições miseráveis!

E há tanta gente que não sabe o que há-de fazer...! Tantos grupos sem programa de vida. Tantas associações sem ideal de bem-fazer.

Temos todos, neste Grupo Cáritas, o testemunho de arrastar todos os que querem servir.

Padre Horácio

DOCTRINA



«Não tinham tempo de comer...»

Do Evangelho

Nem eu, de distribuir.

TANTAS e tais coisas me ofereceram nas Festas do Natal, que eu saí de Coimbra a distribuir roupas à multidão dos Nus pelas aldeias de Portugal, como quem veste anjinhos para irem nas procissões; murmurando orações muito baixinho, por quem me dá todos os anos um passe nos comboios — as asas do meu voar. É, até, de uma dessas aldeias que eu faço a crónica de hoje, onde propositadamente quero falar do nosso moço reumático de Coimbra que dormia na cama mai-lo filhinho e agora não porque o berço já está provido.

A resposta ao meu apelo para retirar a criança da cama, veio dentro dum pacote, de Oliveira de Azeméis, juntamente com a figura de quem no deu, pintada no arranjo e no saber dar. Muito embora não conheça, como não conheço, noventa e nove por cento das pessoas que me confiam esmolas, neste pacote, contudo, nota-se uma senhora de sua casa com jeito de ser Mãe; senhora que penteia o cabelo no recato do seu quarto, que lava a cara com sabão e as unhas com uma escova, pois que a verdade não se pinta nem se enfeita.

RETIREI o embrulho da estação dos correios e dirigi meus passos para a casa do doente. A lâ não é pesada à ovelha nem os embrulhos ao recoveiro dos Pobres. Abri, sentado no fundo da cama. Uns metros de riscado para a capa do colchão envolviam inúmeras peças de roupa infantil, entre as quais sobressaía um pijama de flanela com listas cor de rosa. O moço chorava de contente: — *Ai que riqueza, meu senhor!* E mostrou a camisa que trazia, no fio.

A mãe do pequenino saíra, a aviar recados. O pai fazia meiguices na cara do pequerrucho, enquanto se desdobrava o pacote de preciosa roupa: — *Ai meu filho que vais dormir no teu berço!* O que tudo somado e apurado indica Caridade não fingida no seio de quem sabe dar assim, que o verdadeiro amor de Deus não se encontra nas horas de piedade nem nas mesuras aos santinhos, mas sim no verdadeiro amor ao Próximo. Dói-me tanto ver a Criança do casebre, como tantas vezes a topo, dentro de caixotes de sabão e cestos de apanhar lixo! Quando deitares os teus, logo à noite, lembra-te dos meus e ajuda-me.

DESTA volta que dei a distribuir as tuas roupas aos Nus da nossa terra, trouxe necessidades urgentes de peças (...) de que não fazes caso, pelas quais esperam mãos calejadas de homens de bem que as desejam e merecem. Estas dádivas ajustam bem ao corpo, caem fundo nas necessidades, geram alegria na alma — são a sopa a cair no mel.

O. Amieiro!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

CANTINHO DAS SENHORAS

Dar a vida

É pretencioso falar a partir duma experiência que tem a duração de alguns meses. Mas a densidade, apesar da aparente monotonia com que estes decorrem, faz ter a sensação de um tempo mais longo.

Aqui há movimento, há vida a crescer, a germinar, a querer furar por entre sonhos, dificuldades, carências e contradições. Há a realidade de cada um que, por muitas alterações que sofra, ninguém pode apagar, de que sempre se faz memória.

A mãe, a mulher, a educadora, a amiga é presença de que estes rapazes necessitam e esperam encontrar na senhora. Isto é palpável, «salta-lhes» no brilho dos olhos. Quando isto não acontece eles cobram e fazem sentir fortemente o dever e a responsabilidade. É com eles, na simplicidade do dia-a-dia, que vou procurando aprender, na certeza de que estou longe de ser a resposta que esperam. Tudo tem um preço e é necessário estar disposto a pagá-lo. O que é bom, vulgarmente, custa mais caro.

Por vezes, o meu olhar perde-se no rosto de cada um e pergunto-me porque é que tanto lhes é negado? E porque é que tanto lhes é dado, também? Questões mal postas, talvez, e sem sentido. A resposta está na certeza de que Deus não os esqueceu e por isso desencadeia gestos concretos de partilha, de solidariedade... Dá coragem a alguns para se darem. É este *se* que transforma a vida duma pessoa. Uma coisa é dar, outra é dar-se, ainda que ambas sejam nobres e necessárias. Neste mundo marcado pelo egoísmo e pela indiferença, o percurso dos homens vai sendo traçado não só pelo que os torna menos pessoas, mas também pelo que os dignifica e, perdoem-me a ousadia, mas parece-me ser esta a grande missão da Obra da Rua: Restituir a cada rapaz a dignidade de um filho de Deus; e a alguns é bem difícil lá chegar, tocar, compreender, acolher, aceitar o que é e como é, enfim, amar!

«A vida ninguém Ma tira, sou Eu que a dou e dou-a livremente.» Mas são tantas as mesquinices que me tiram e

nos tiram a vida, de tal modo que pouco resta para dar em gratuidade, paciência, respeito..., àqueles que esperam e têm o direito de receber de nós.

Lúcia

